

Aspectos do Espaço Tupinambá no Leste Amazônico

Fernando Ozório de Almeida¹
Lorena Gomes Garcia²

Resumo

Durante a análise dos sítios Cavalo Branco e Nova Ipixuna 3, no leste Amazônico, onde identificou-se cerâmica Tupinambá³, começamos a comparar as semelhanças e diferenças referentes à indústria cerâmica, às dimensões e a densidade de material arqueológico nesses sítios. Neste artigo, pretendemos levantar alguns questionamentos e possibilidades para análises intra/inter-sítios e chamar a atenção para as diferentes dinâmicas de organização espacial de grupos Tupi-Guarani etnológicos, ao perceber nesses o complexo universo com que nos deparamos ao interpretarmos o registro arqueológico.

Palavras-chave: *Arqueologia Tupinambá, Amazônia, cerâmica, etnografia Tupi-Guarani.*

Abstract

During the analysis of two eastern Amazon archaeological sites, Cavalo Branco and Nova Ipixuna 3, where we identified Tupinambá ce-

¹ Doutorando em arqueologia pelo MAE/USP.

² Mestranda em arqueologia pelo MAE/USP e Arqueóloga da Scientia Consultoria Científica.

³ Sub-Tradição Tupinambá da Amazônia: ligada aos grupos falantes do tronco Tupi (mais especificamente da família Tupi-Guarani, excetuando os Guarani), cuja cultura material seria (e essa pergunta que permeia nossos estudos) uma extensão da Tradição Polícroma Amazônica. No entanto, diferenças tecno-tipológicas (Almeida, 2008), tornam necessária uma distinção entre os Tupinambá da Amazônia e os Tupinambá do litoral. Há divergências entre os próprios autores quanto ao uso de Tupi ou Tupinambá, questão muito mais complexa do que uma simples terminologia, que mereceria um artigo por si só.

amics, we compared similarities and differences in pottery technology, as well as density of artifacts and site size. In this paper, we discuss intra and inter-site analysis in order to call attention to the dynamics of the spatial organization of Tupi-Guarani ethnographic groups, highlighting the complex universe which we come across when interpreting the archaeological record.

Keywords: *Tupinambá archaeology, Amazonia, ceramics, Tupi-Guarani ethnography.*

Introdução

Dentre os 31 sítios encontrados durante o levantamento arqueológico na área da Linha de Transmissão Tucuruí(PA)-Açailândia(MA)⁴, dois sítios destacaram-se pela proximidade geográfica e pela semelhança da indústria cerâmica, associada à ocupação Tupinambá pré-histórica do baixo rio Tocantins: os sítios Cavalo Branco e Nova Ipixuna 3.

Se houve semelhanças na cerâmica e na localização, isso não aconteceu em uma comparação da dimensão dos sítios. Enquanto o sítio Cavalo Branco teve seu perímetro estimado em 170.000m², o sítio Nova Ipixuna 3 foi delimitado e estimado em 14.200m². As diferenças prosseguem em inúmeras características. No entanto, a dimensão dos sítios é central à problemática aqui tratada. Seria o sítio Cavalo Branco uma aldeia e o sítio Nova Ipixuna 3 um acampamento? Esta é a pergunta base para o início do estudo.

Aplicações e Possibilidades

Inicialmente, seria interessante refletir

sobre os resultados de diferentes pesquisas que contribuem com a questão aqui apresentada: sítio aldeia x sítio acampamento.

As observações etnoarqueológicas realizadas por Kent (1996:55) junto à comunidade Kutse do Botswana, região sul-africana, indicaram que as estratégias de mobilidade influenciam de diferentes formas no processo de formação do registro arqueológico: (1) "*People who plan to stay at a camp for a short period of time will have a smaller artifact inventory than those who anticipate a long occupation; and (2) groups who plan a short occupation also invest less effort in site construction and perform fewer camp maintenance activities than those who anticipate a long occupation. Both of these factors will influence archaeological visibility and interpretations of abandonment behavior*". É imprescindível considerar que tais variáveis devem ser observadas a partir da comparação entre grupos culturalmente similares, levando em conta as diferentes estratégias de mobilidade e a influência destas na formação de estruturas observáveis no sítio arqueológico.

Mas... "*Como exatamente podemos estabelecer significados corretos a uma distância que tanto é cultural quanto temporal? O que sobre o passado podemos concretamente visualizar no presente etnográfico?*" (Heckenberger, 2001: 23). Tais questões foram apropriadamente colocadas por Heckenberger (op. cit.) para pensar na ocupação do alto Xingu, na perspectiva da construção de uma história de longa duração⁵. Também podem ser interessantes para refletir a respeito da arqueologia Tupinambá, a partir da busca das continuidades que estruturam essas sociedades, revelando-nos traços culturais comparáveis ao arqueologicamente evidenciado. O modelo elaborado por Brochado (1984) é, sem dúvida, uma referência

⁴ Trabalhos executados pela Scientia Consultoria Científica, nos anos de 2003 a 2005, sob coordenação da Dra. Solange Caldarelli.

⁵ No presente artigo não estabeleceremos a discussão sobre a *Longue Durée* e suas aplicações na pesquisa arqueológica. Ver Braudel (1966) e Hodder (2007).

quanto à busca da longa duração temporal no contexto Tupinambá. Nosso trabalho, por sua vez, procurou identificar aspectos que indiquem essas continuidades para tipos de assentamento Tupinambá na fronteira oriental da Amazônia. O que torna necessário ressaltar que não pretendemos realizar analogias diretas a partir dos exemplos etnográficos. O que se propõe aqui é um diálogo entre os grupos Tupi-Guarani atuais e pré-históricos.

Scatamacchia e Moscoso (1989:39) fizeram uma leitura das fontes históricas documentadas durante os séculos XVI e XVII, buscando descrições que caracterizassem a *“distribuição espacial das aldeias, a sua relação com o meio ambiente e sua duração temporal (...). Em relação aos Tupinambás, [observaram os autores], as informações mais completas descrevem apenas as aldeias ou sítios de habitação. Entretanto, outras ocupações puderam ser evidenciadas arqueologicamente, como é o caso dos acampamentos para coleta de moluscos e as áreas de enterramento”*.

No caso dos acampamentos para coleta de moluscos, Scatamacchia e Moscoso (*op.cit.*) referem-se ao trabalho realizado por Beltrão e Faria (1970), em sítio litorâneo “Tupiguarani” onde, segundo as autoras, cerâmica, artefatos líticos e materiais ósseos foram evidenciados.

Meggers e Maranca (1980:237) correlacionam dados etno-históricos e etnográficos para reconstituição experimental de organização social baseada na distribuição espacial dos tipos cerâmicos do sítio Queimada Nova, filiado à tradição “Tupiguarani”, com o intuito de estimular investigações similares. As autoras comparam o espaço do sítio Queimada Nova com os dados etnográficos da organização espacial dos Tapirapé, a partir dos estudos realizados por Baldus (1970) e Wagley (1977) sobre esse grupo indígena.

Assis (1996:38), baseando-se principalmente em dados etno-históricos, construiu um modelo de espacialidade para os Tupinambá (do litoral), com o conceito do espaço habita-

do no sentido de que este não se restringisse apenas à aldeia, mas que fosse compreendido como conjunto de *“elementos espaciais que ajudam na execução de atividades no interior ou nas proximidades dos assentamentos”*.

A bibliografia sobre as possibilidades de análise espacial é extensa. Examinemos nossos estudos de caso antes de recorrer aos dados etnográficos.

Uma breve descrição dos sítios Nova Ipixuna 3 e Cavalo Branco

O sítio arqueológico Cavalo Branco está localizado em área de pasto, em média e baixa vertente de morro com declividade suave. O sítio encontra-se dentro do perímetro da cidade de Marabá/PA. O igarapé Matrinxã, delimitador da parte leste do sítio, é afluente do igarapé Flecheiras que deságua no baixo rio Tocantins, cuja distância para o sítio Cavalo Branco é de aproximadamente 15 quilômetros.

Já o sítio arqueológico Nova Ipixuna 3 está localizado, em município homônimo, na planície de inundação do rio Ipixuna (também afluente do rio Tocantins), cuja margem situa-se aproximadamente 150 metros do sítio. O terreno possui suaves ondulações e atualmente encontra-se coberto por pasto sujo com grande quantidade de palmeiras.

Os sítios Nova Ipixuna 3 e Cavalo Branco distam aproximadamente 25 quilômetros um do outro. Ambos estão localizados na região sudeste do Pará.

A mesma metodologia de escavação foi utilizada para os sítios Cavalo Branco e Nova Ipixuna 3. Ambos foram trabalhados a partir de uma amostragem sistemática, através de uma malha de quadras de 1m², porém com diferença na escolha do espaçamento do *grid*, obedecendo às especificidades espaciais de cada um deles. Para a escavação do sítio Cavalo Branco

a malha foi formada com quadrículamento de 20mx20m; já para o Nova Ipixuna 3, o espaçamento foi de 10mx10m. O rebaixamento das unidades foi feito através de níveis artificiais de 10cm até o esgotamento do material⁶.

O sítio Nova Ipixuna 3 foi delimitado com escavação de 144 quadras, das quais 73 negativas (ausência de material arqueológico) e 71 positivas. O sítio apresentou uma camada arqueológica sub-superficial com profundidade média de 30cm e máxima de 70cm em algumas situações. As escavações renderam a coleta de 2.439 fragmentos cerâmicos e 13 peças de material lítico. Obteve-se o registro de manchas escuras de solo para a área de maior concentração cerâmica, porém não foram realizadas análise de sedimentos.

Já o sítio Cavalo Branco foi delimitado com a execução de 584 quadras, das quais 375 apresentaram material arqueológico e 209 foram estéreis. O material foi encontrado, em média, até os 30cm de profundidade. No entanto, houve casos extremos de material em até 210cm. A principal área de concentração cerâmica foi caracterizada por um sedimento extremamente escuro, de cor *very dark brown*, caracterizado como solo antrópico, a partir das análises físico-químicas do solo⁷ (Almeida, 2008). Estudiosos da arqueologia Tupinambá, como Assis (1996), tendem a indicar essas manchas escuras como sendo as antigas áreas de habitação.

As escavações no sítio Cavalo Branco renderam um total de aproximadamente 3.500 fragmentos líticos e 50.000 fragmentos cerâmicos.

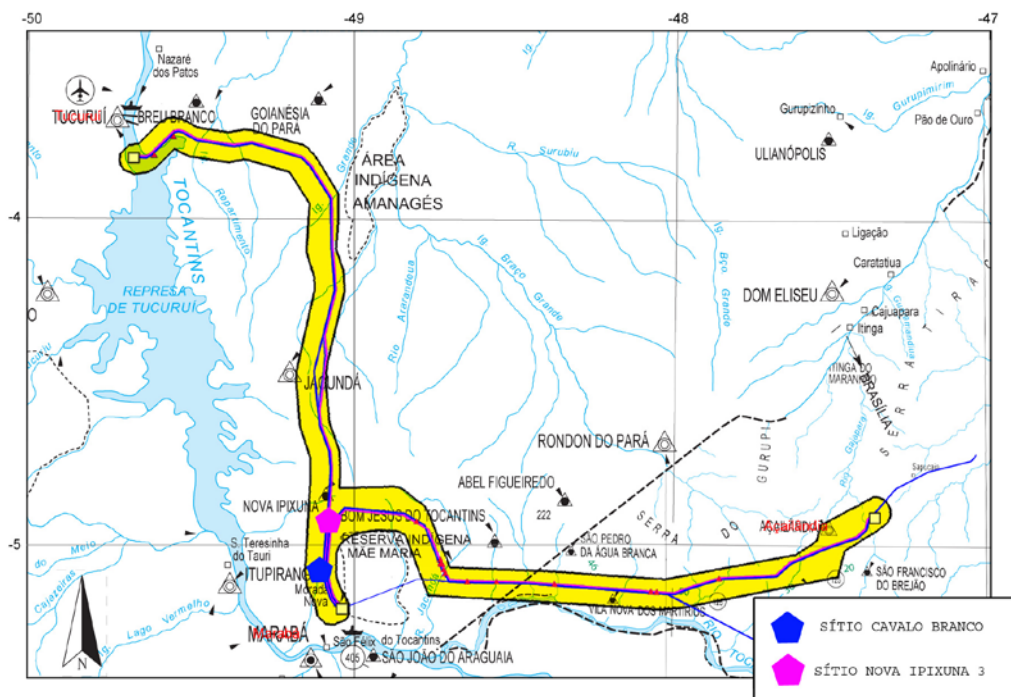


Fig.1 - LT Tucuruí-Açailândia: Mapa de localização dos sítios Nova Ipixuna 3 e Cavalo Branco.

⁶ Após dois níveis estéreis era realizada uma tradagem no centro da quadra.

⁷ Realizadas por Dirse Kern (MPEG).

cos. Na área onde foi encontrada uma grande mancha de solo antrópico, supostamente a área de habitação do sítio, a densidade de material foi tamanha que, em um nível de 10cm, foram encontrados mais de mil fragmentos.

A cerâmica do sítio Cavallo Branco

A cerâmica do sítio Cavallo Branco pode, a grosso modo, ser descrita como sendo acordelada, com antiplástico predominantemente mineral (46% da amostra), seguido pelo vegetal: carvão e/ou cariapé (28% da amostra). Foi observada principalmente a queima incompleta (63,5%). O tratamento de superfície era fino com freqüente presença de engobo de coloração branca e vermelha.

Outros atributos que chamaram a aten-

ção foram as recorrentes bordas cambadas, assim como as bordas vazadas (ocas). Ambas poderiam ser consideradas como uma das particularidades da cerâmica Tupinambá do baixo e médio Tocantins (Almeida, 2008). Inflexões em forma de ombro também foram seguidamente observadas durante a análise cerâmica.

Os estudos indicaram a presença de 17 diferentes tipos de formas cerâmicas (Fig.2), com vasos possuidores de contorno simples, inflectido e composto. Os volumes reconstituídos dessas formas variaram de 0,04 a 47 litros.

Apesar da necessidade de realizar análises mais aprofundadas, foi possível (Almeida, 2008:154-158) fazer sugestões quanto aos possíveis usos dos vasos. Baseado-se no trabalho de Amaral (Scientia, 2008), com sítios Tupinambá do médio baixo rio Tocantins e do oeste maranhense, assim como nos trabalhos de La

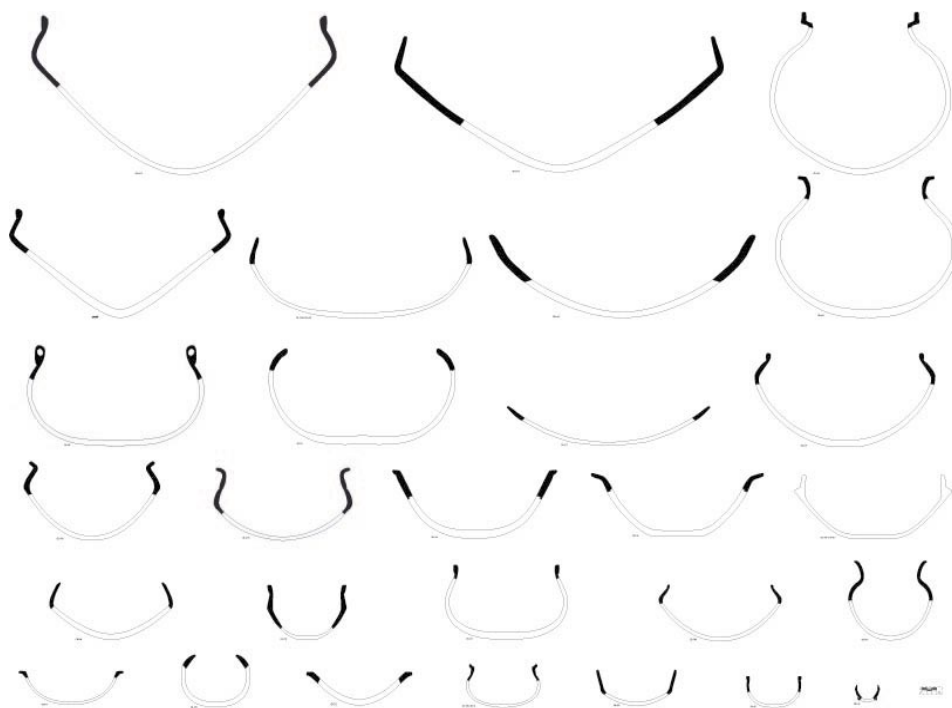


Fig. 2 - Amostra de formas de vasilhas cerâmicas encontrada no sítio Cavallo Branco

Salvia & Brochado (1989), e Brochado (1991), foram sugeridas funções de armazenamento de alimentos, armazenamento de líquidos, serviço e consumo de bebidas fermentadas (ou não-fermentadas), serviço e consumo de alimentos frios, assim como para cocção e assamento (Almeida, *op. cit.*).

A decoração mostrou-se extremamente rica e variada, tanto nos atributos plásticos quanto nos pintados (Fig.3). Nesta última categoria houve inúmeras combinações de pigmentos vermelho, branco, preto, e amarelo

(ocasionalmente) com predominância dos dois primeiros. O pigmento branco não necessariamente ficava restrito como base para a execução de motivos com pintura vermelha. O inverso também foi observado. Bandas vermelhas, demarcadoras de inflexões no corpo do vaso, constantemente observadas na cerâmica Tupi, também foram freqüentes na análise da indústria do Cavalo Branco. Dos fragmentos estudados⁸ considerados diagnósticos⁹, 33% possuíam decoração pintada.

A decoração plástica foi representada



Fig. 3 - Decoração pintada e decoração plástica no sítio Cavallo Branco

⁸ A análise cerâmica equivale a 2.500 fragmentos diagnósticos.

⁹ Bordas, bases, paredes decoradas, apliques etc.

principalmente pelos unglados, digitunglados, corrugados e incisos. Esta última técnica de decoração aparece como uma particularidade dos Tupinambá do sudeste paraense. Da mesma forma, o corrugado, encontrado em inúmeras variações - muitas das quais semelhantes às tradicionais vasilhas Guarani - também se apresentou de forma idiossincrática em alguns exemplares; é o caso dos fragmentos em que essa decoração aparece apenas na face externa da borda, não prosseguindo para o restante do corpo. Dentro do campo dos fragmentos diagnósticos, os portadores de decoração plástica representaram 24%.

Durante a análise observou-se que raramente havia uma borda sem uma decoração mínima, demonstrando a grande preocupação que as(os) oleiras(os) do sítio Cavallo Branco tiveram com a aparência dos vasos. Muitos destes, certamente, foram utilizados para atividades cerimoniais.

Dentro dos estudos dos artefatos líticos, realizados por Galhardo, e descritos por Almeida (2008), alguns aspectos gerais devem ser mencionados. Foi observada uma indústria lítica expedita, realizada principalmente em seixos rolados de sílexito e quartzo, com dimensões limitadas (dificilmente maiores que 10cm de comprimento). Os lascamentos foram realizados principalmente através da técnica unipolar, ainda que produtos bipolares também

tenham sido identificados. A debitação dos seixos pelo método de “fatiagem” foi observada em ambas as técnicas, produzindo, muitas vezes, lascas corticais espessas, com morfologia que lembra gomos de laranja e calotas. Por fim, Galhardo (Almeida, *op. cit.*) relata que as lâminas (artefatos polidos) encontradas no sítio apresentam-se fragmentadas (exceção feita a apenas uma peça), principalmente na região distal. Há ocorrência de lâminas com sinais de lascamento posteriores à quebra, o que pode refletir o aproveitamento de matéria-prima e o uso para outra atividade.

Até o momento, o sítio Cavallo Branco possui 6 datações radiocarbônicas, duas das quais, estimadas em mais de 5.000 AP, não serão consideradas, já que são totalmente incongruentes com as datas Tupinambá encontradas no restante do país. As demais estão organizadas na Tabela 1.

Pode-se observar que há uma inversão estratigráfica quanto às datações. No entanto, as primeiras duas datas vêm de unidades de escavação “excepcionais”. A quadra T2 fazia parte de uma trincheira localizada em um montículo que, provavelmente, serviu como área de lixeira (Almeida, *op. cit.*). A quadra 40V-81D, por sua vez, atingiu 200cm de profundidade; nada parecido com o pacote arqueológico de 30cm encontrado no restante do sítio. Ou seja, tratava-se de duas áreas cujos contextos deposi-

Tabela 1 – Datações do Sítio Cavallo Branco

Sítio	Quadra	Nível	Material	Nº Lab.	Datação ¹⁰
Cavallo Branco	40V-81D	150-160cm	Carvão	210847	690 AP a 550 AP
Cavallo Branco	T2	50-60cm	Carvão	210848	720 AP a 640 AP
Cavallo Branco	1R-100D	30-40cm	Carvão	210849	1290 AP a 1160 AP
Cavallo Branco	220V-340D	30-40cm	Carvão	230214	860 AP a 740 AP

¹⁰ Beta Analytic.

cionais destoaram do restante do sítio, causando anomalias que podiam passar a impressão dessas “inversões”.

A Cerâmica do sítio Nova Ipixuna 3

O acordelamento foi a técnica de manufatura utilizada na confecção dos vasilhames cerâmicos do sítio Nova Ipixuna 3. A análise¹¹ do antiplástico revelou o predomínio quase total de minerais de quartzo e óxidos ferrosos (91% da amostra), provavelmente já presentes na argila e não adicionados após a sua coleta. Já os temperos vegetais, cariapé e/ou carvão, foram identificados em uma pequena porcentagem (9%) do total de fragmentos analisados, sem uma representatividade quantitativa significativa se comparada ao índice de temperos vegetais utilizados na cerâmica do sítio Cavalo Branco (28% de todo o seu conjunto cerâmico analisado). A maior parte dos fragmentos possuía queima incompleta, o que é comum na maioria das sociedades ceramistas pré-coloniais, tendo em vista a realização da queima em ambientes oxidantes (ao ar livre). Quanto ao tratamento de superfície, apesar da predominância de um acabamento fino, foi observado que 43% do total de fragmentos possuíam a face externa com alisamento médio ou grosso. Acrescenta-se que houve um baixo índice de superfícies com engobo. Vários tipos de decoração plástica, tais como corrugado, roletado, digitungulado, inciso, ungulado, entalhado e alguns combinados entre si, foram identificados, revelando muita variedade (Fig. 3) e pouca quantidade¹².

A pintura, quando identificada, esteve representada por faixas horizontais, em geral localizada nos lábios e nos ombros (nesse caso,

em vermelho). Em um dos exemplares da coleção cerâmica, a pintura branca ocorreu em todo o perímetro do gargalo e na face externa do lábio. Já a pintura preta foi percebida apenas vestigialmente na face externa de alguns fragmentos.

A análise evidenciou pouca variabilidade no conjunto de formas do sítio Nova Ipixuna 3, somando um total de 6 tipos (Fig. 4), que comportam volumes estimados entre 8 e 48 litros.

Assim como aconteceu no sítio Cavalo Branco, o sítio Nova Ipixuna 3 não recebeu um estudo aprofundado quanto às funções dos vasos. No entanto, nada impede que algumas sugestões sejam feitas. A observação mais evidente se refere à reduzida quantidade de tipos, indicando uma provável restrição nas funções dos vasos desse sítio. Não foram observados vasos carenados, ou com ombros, preferencialmente decorados, semelhantes aos *cambuchi caguabá* Guarani (La Salvia & Brochado, 1989), também presentes na indústria cerâmica do sítio Cavalo Branco (Almeida, 2008: 155), e relacionados ao serviço e ao consumo de bebidas fermentadas (e.g. de mandioca, ou milho). Também não foram observados assadores (de mandioca?) no sítio Nova Ipixuna 3, como aconteceu no nosso outro sítio de estudo. Ausências essas que poderiam nos levar a sugerir a inexistência da horticultura no sítio Nova Ipixuna 3, o que vem em total acordo com a proposta de que se trata de um sítio acampamento. Comparando as propostas funcionais sugeridas, a partir da morfologia cerâmica, para os Guarani (La Salvia & Brochado, *op.cit.*), para os Tupinambá do litoral (Brochado, *op.cit.*), e para os diversos grupos pré-históricos identificados no médio-baixo Tocantins (Scientia, 2008), tem-se a impressão de que os vasos desse sítio, com volumes expressivos (sempre

¹¹ A análise cerâmica equivale a 330 fragmentos diagnósticos de um total de 2349 fragmentos coletados.

¹² Foram identificados entre 1 a 3 peças de cada tipo de decoração plástica.

superiores a 8 litros), podem estar relacionados a funções mais “simples” como o armazenamento, o preparo, e o consumo de alimentos (líquidos ou sólidos).

Quanto ao material lítico, Sirlei Hoeltz argumenta que o sítio Nova Ipixuna 3 “*não apresenta, em comparação com os fragmentos cerâmicos, uma indústria lítica significativa. Considerando apenas as 13 peças que o compõem, as interpretações ficam prejudicadas. Entretanto, os tipos de artefatos, como a lasca retocada e o quebra-coquinho ou bigorna, demonstram que algumas atividades estavam sendo executadas com o auxílio de objetos líticos, porém, não necessariamente dentro da área do assentamento*”. Ela também indica que, foi “*possível observar certas similaridades entre os objetos líticos do sítio Cavallo Branco e do sítio Nova Ipixuna 3 – ao menos, no que diz respeito à morfologia e ao tipo de matéria-prima*” (Almeida, 2008: 251).

Foram obtidas, até o momento, duas datações radiocarbônicas para o sítio Nova Ipixuna 3 (Tabela 2):

O sítio Nova Ipixuna 3 apresentou uma datação que apontava para um período anterior ao do contato com os europeus. No entanto, a cronologia desse sítio aponta também para uma ocupação já no período colonial, diferentemente do sítio Cavallo Branco.

Semelhanças e diferenças entre os sítios

Retomemos alguns pontos explicitados logo na introdução. O primeiro e mais simples é a proximidade geográfica entre os dois sítios, ambos situados na bacia do médio baixo rio Tocantins (a cerca de 15 quilômetros desse rio),

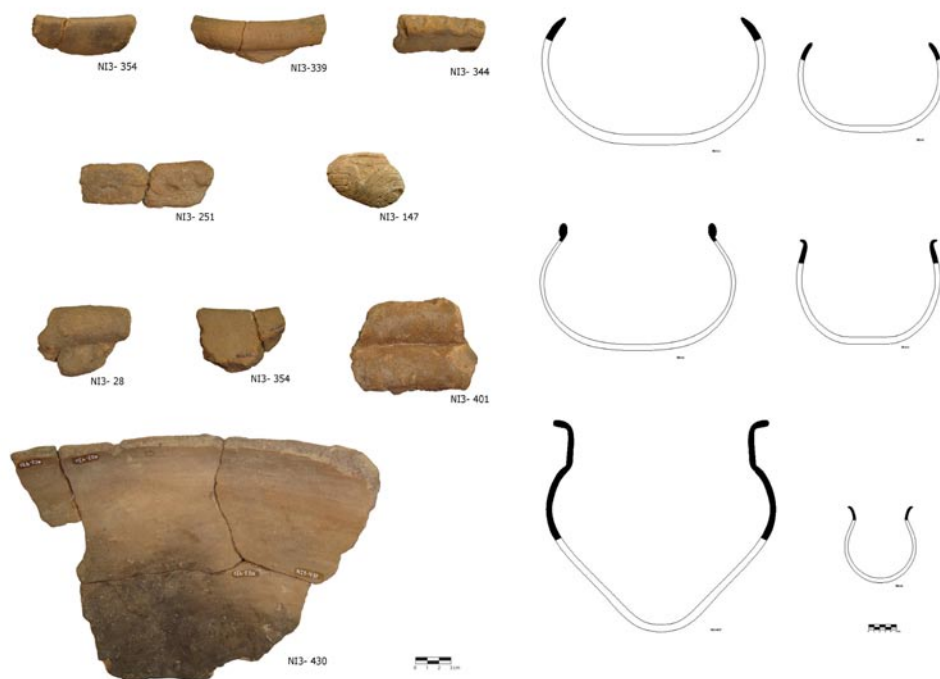


Fig. 4 - Alguns fragmentos decorados e morfologia na cerâmica Sítio Nova Ipixuna 3

com uma distância aproximada de 25 quilômetros um do outro. Da mesma forma, uma série de atributos comuns foram observados na cerâmica dos sítios Cavalo Branco e Nova Ipixuna 3. Tais semelhanças levaram-nos a inferir estes dois sítios como possuidores de uma indústria cerâmica Tupinambá amazônica.

A última convergência entre esses sítios refere-se à questão cronológica. Percebe-se que há duas datações bem próximas. Enquanto o sítio Cavalo Branco possui uma data de 1.290 AP a 1.160 AP, o sítio Nova Ipixuna 3 possui uma no período de 1.280 AP a 1.140 AP. Tal proximidade temporal, no entanto, não justificaria afirmar uma ocupação simultânea nos dois sítios.

Ainda quanto à cronologia, é importante apontar que, tanto no sítio Cavalo Branco quanto no sítio Nova Ipixuna 3, houve uma dissonância nas datações. Tal constatação indica que ambos os sítios sofreram reocupações.

A partir da rica tipologia de formas do

sítio Cavalo Branco foi observada também uma grande variação de funções, algumas destas provavelmente ligadas ao cultivo de alimentos, como os assadores e os vasos para consumo de bebidas fermentadas. O que não ocorreu no sítio Nova Ipixuna 3, onde foi sugerida uma restrição quanto às funções dos vasos.

Também foram apontadas discrepâncias quanto à dimensão e à densidade do material arqueológico nos sítios Cavalo Branco e Nova Ipixuna 3. O cálculo da densidade de material por m³ (Tabela 3) é ideal para esse tipo de comparação, uma vez que permite estabelecer relações entre áreas com diferentes amostragens.

O que diz a etnografia

Ainda nos faltam dados etnográficos que resultem de estudos mais aprofundados sobre as estruturas dos diferentes tipos de assentamento utilizados pelos diferentes grupos pertencentes

Tabela 2 - Datações do Sítio Nova Ipixuna 3

Sítios	Quadra	Nível	Material	Nº Lab.	Datação calibrada
Nova Ipixuna 3	40R-10E	30-40cm	Carvão	210850	480 AP a 290 AP
Nova Ipixuna 3	20R-70E	40-50cm	Carvão	210851	1280 AP a 1140 AP 1110 AP a 1100 AP

Tabela 3 – Densidades líticas e cerâmicas dos Sítios Cavalo Branco e Nova Ipixuna 3

Sítios	Lítico		Cerâmica	
	Quantidade	Densidade (m ³)	Quantidade	Densidade (m ³)
Cavalo Branco	3.127	32,51	35.550 ¹³	369,23
Nova Ipixuna 3	13	0,09	2.349	15,67

¹³ Como anteriormente mencionado o número total de fragmentos líticos e cerâmicos do sítio Cavalo Branco é maior, em torno de 50.000 e 3500, respectivamente do que o apresentado na tabela. Nesta, só contabilizamos o material das quadras pertencentes à malha de unidades de escavação (unidades complementares foram separadas).

à família Tupi-Guarani da região amazônica. Ainda assim, dados importantes para reflexão e para o diálogo com a arqueologia podem ser destacados.

Os Araweté, estudados por Viveiros de Castro (1986: 267-273), apresentaram um padrão de assentamento ligado à sazonalidade. No período de chuva, a aldeia se fragmentava em pequenos grupos nucleares que se dispersavam em diversos acampamentos pela mata, realizando atividades de *trekking*¹⁴, ou seja, ligados à coleta, e à caça de animais. Findado o período das chuvas, ocorria um reagrupamento dentro do espaço da aldeia. O que não impediu que mesmo no período de seca, os Araweté produzissem algumas estruturas que não pertenciam à aldeia. Tratava-se de acampamentos de mata, para abrigar caçadores ou famílias, em curtas expedições.

Outro dado interessante do estudo feito por Viveiros de Castro é o fato de que todas as aldeias Araweté localizavam-se em áreas de antigas roças:

“Se toda roça foi, antes, mata, toda aldeia foi, antes, roça (grifo nosso). Quando um grupo decide mudar-se para outro lugar, abre primeiro as roças de milho, e se instala no meio delas. Com o passar do tempo e das safras as plantações vão recuando, e resta uma aldeia” (1996: 312).

Tais palavras sintetizam duas das principais características da aldeia Araweté explicitadas pelo autor; a primeira refere-se às escolhas que derivam à formação do espaço ocupado e a segunda à estruturação desse espaço, formado por seu *“pluricentrismo, isto é, a ausência de um espaço ‘público’, cerimonial e centralmente situado. A aldeia parece um agregado de pequenas aldeias, ‘bairros’ de*

casas voltadas para si mesmas” (Viveiros de Castro, 1996: 316).

Os Tapirapé, estudados por Balduz (1970) e Wagley (1977), também sazonalmente¹⁵ fragmentavam a aldeia em grupos familiares que se deslocavam para a savana. Em um local considerado mais propício, um abrigo temporário seria erguido. Além da caça, os homens pescavam e coletavam ovos de tartaruga. Tanto os homens como as mulheres coletavam frutas e castanhas na mata. Segundo Wagley (*op. cit.*:52) era comum a prática de queimadas nos acampamentos. Isso porque a gramínea que nascia após essa prática seria atraente para atrair os animais desejados.

Os Parakanã constituíram um caso a parte. A cisão interna, no fim do século XIX, criou um grupo mais sedentário (os Parakanã orientais) e um grupo praticamente nômade (os Parakanã ocidentais). Quando Fausto (2000:59) indica que os Parakanã ocidentais foram aumentando o período de *trekking*, para gradativamente deixarem de praticar a agricultura, lê-se nas entrelinhas que o grupo, quando uno, praticava sazonalmente essa atividade. Dessa forma temos um curioso exemplo de um grupo, os Parakanã ocidentais, sem práticas agrícolas, mas que se unia na aldeia em um período, para em seguida, com as mudanças sazonais, se fragmentar em pequenos grupos, os quais construía acampamentos na mata.

Por fim, encontramos os Urubu-Ka’apor, estudados por Balée (1994). Esse grupo, dentro dos escolhidos para dialogar com os dados arqueológicos, é o mais sedentário. Os Urubu-Ka’apor se organizariam em um sistema ecológico mais próximo do indicado para os Tupi-

¹⁴ Balée (1994:210) define grupos *trekkers* como sendo os que passam 6 meses por ano longe da aldeia, para a qual acabam voltando. Os *trekkers* fariam parte de um grande grupo “agrário” em que também estariam inseridos os cacicados e os semisendentários.

¹⁵ Ao contrário do que acontece com os demais grupos, os Tapirapé deixam a aldeia no período de seca (Wagley: 1977:52).

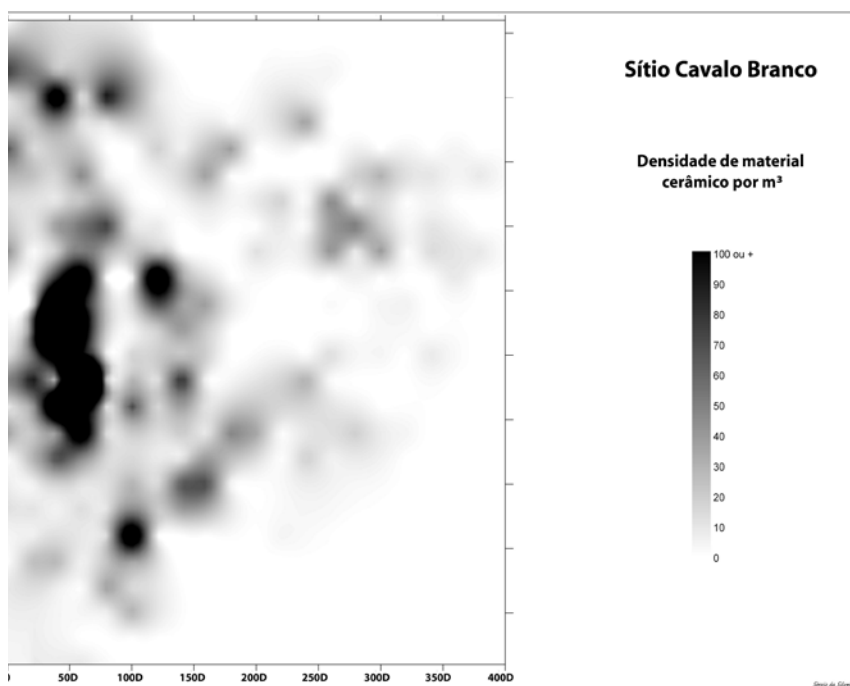


Fig. 5 - Densidade de material cerâmico por m³ no sítio Cavallo Branco

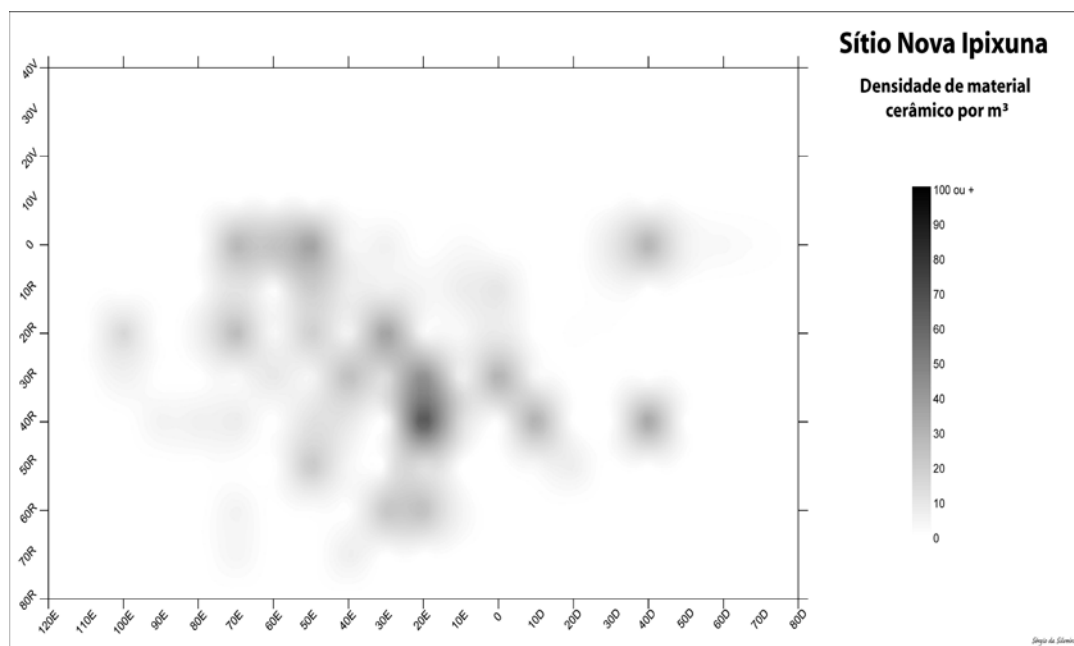


Fig. 6 - Densidade de material cerâmico por m³ no sítio Nova Ipixuna 3

nambá (históricos do litoral), onde o “núcleo” aldeia era abandonado somente quando ela (aldeia) era transferida para um outro lugar. Ribeiro, que esteve entre os Ka’apor quase meio século antes, teve a oportunidade de descrever abrigos de roça “*de 2,5 metros de comprimento por 1,1 de largura e dois de altura (...). Enquanto a roça cresce na mata, eles ficam a colher o que plantaram o ano passado no alto Coracy, onde também há mais caça do que peixe. Assim somente daqui a uns quatro ou cinco meses voltarão àquele pouso*” (2006: 86).

Sítio “aldeia” Cavalão Branco e sítio “acampamento” Nova Ipixuna 3?

Sem dúvida, não somente as dimensões dos dois sítios estudados variaram, como também a densidade de material, esta última muito superior no Cavalão Branco do que no Nova Ipixuna 3. Foi observado que a cerâmica do sítio Nova Ipixuna 3 não era tão bem acabada, com 43% de fragmentos com alisamento médio ou grosso na face externa frente a 29% do sítio Cavalão Branco. Outra variável que logo chamou a nossa atenção foi a decoração da cerâmica. Enquanto o sítio Nova Ipixuna 3 possuía “somente” 19% dos fragmentos analisados com alguma decoração, o sítio Cavalão Branco apresentou 24% dos seus fragmentos analisados com decoração plástica e 33% pintados. Se levarmos em conta que muito raramente decorações plásticas e pintadas eram encontradas no mesmo vaso, poderíamos sugerir um número de fragmentos decorados (analisados) em torno de 55%.

Supõe-se que os vasos são decorados para serem mostrados (vide, por exemplo, a análise funcional elaborada por Schaan, 2004), uma acanhada estrutura temporária, como um acampamento, ocupada talvez apenas por um pequeno núcleo familiar, certamente não seria o local mais adequado para a(o) artesã(o) ex-

por as suas habilidades, ao contrário de uma aldeia com espaço aberto para grandes cerimônias. O que não impediria a existência de vasos decorados em estruturas temporárias. Ao deixar a aldeia, o grupo pode ter escolhido alguns dos seus melhores vasos, o que provavelmente incluiria algum com decoração, para a temporada fora. Isso porque os vasos decorados Tupi não possuíam apenas uso ritualístico (vide La Salvia e Brochado, 1989). As funções eram múltiplas.

As considerações e questionamentos apresentados até aqui se encontram sumarizadas a seguir da seguinte maneira:

De um lado, encontramos o sítio Cavalão Branco, de grande extensão, alta densidade de vestígios arqueológicos, possuidor de uma cerâmica extremamente variada e elaborada, com inúmeras possibilidades funcionais, além de uma indústria lítica bem representada quantitativamente, com presença de artefatos de várias etapas de produção e diferentes possibilidades de uso. Fatores que, ao lado de uma grande mancha de solo antrópico (de 2 ha.), tido por Petersen et. al (2001:100) como indicativo de lixo residencial, podem indicar que o sítio Cavalão Branco foi ocupado como aldeia. Do outro lado encontra-se o sítio Nova Ipixuna 3, delimitado em uma pequena área, com baixa densidade de vestígios arqueológicos, com material cerâmico de acabamento menos cuidadoso, rara decoração, pouca variação funcional, e uma escassa indústria lítica.

Foi possível identificar tanto nos trabalhos etnográficos (e.g. Viveiros de Castro, 1986; Balée, 1994; Fausto, 2000, etc.) quanto nos estudos de caráter arqueológico (e.g. Assis, 1996), que uma multiplicidade de tipos de estruturas pode ocorrer fora da aldeia.

As variações começariam na localização das estruturas próximas ou distantes das aldeias. A função da estrutura (e.g. caça, pesca, área de coleta, a combinação destes, ou área de

cultivo) não possuiria necessariamente relação direta com a distância entre essas estruturas e a aldeia. Haveria a possibilidade da ocorrência de uma estrutura em área de roça próxima à aldeia, e outra para caça muito mais distante, ou o contrário. Daí a nossa preocupação em não fazer uma apressada caracterização mais específica de “acampamento” para o sítio Nova Ipixuna 3, deixando-o apenas com a abrangente denominação de “estrutura temporária”. No entanto, é possível sugerir que os dados levantados até o momento parecem indicar mais para um acampamento, para caça e coleta etc., do que para uma estrutura de roça. Esses dados são referentes à ausência de lâminas de machado, necessárias para a abertura de um roçado. Sugestões que não só podem pautar estudos futuros inter-sítios, como já serviram de base para a análise intra-sítio proposta a seguir.

Diferentes Tipos de Ocupação Intra-sítio

A extensa teia de possibilidades verificada na comparação dos sítios foi fundamental no momento de aprofundar a análise do espaço do sítio Cavalão Branco. A presença de uma segunda mancha de solo antrópico (SA) identificada nesse sítio foi o indicativo de que estávamos lidando com uma dinâmica mais complexa que a inicialmente inferida. Percebeu-se que havia uma grande mancha de SA (aproximadamente 21.200 m²), com grande densidade de material lítico e cerâmico, com presença de restos faunísticos, e com uma provável área de refúgio secundário (Fig. 7, Área 1). Ao mesmo tempo foi observada que havia uma pequena mancha de SA (de aproximadamente 10.200 m²), cuja frequência reduzida de vestígios “mascarou” a

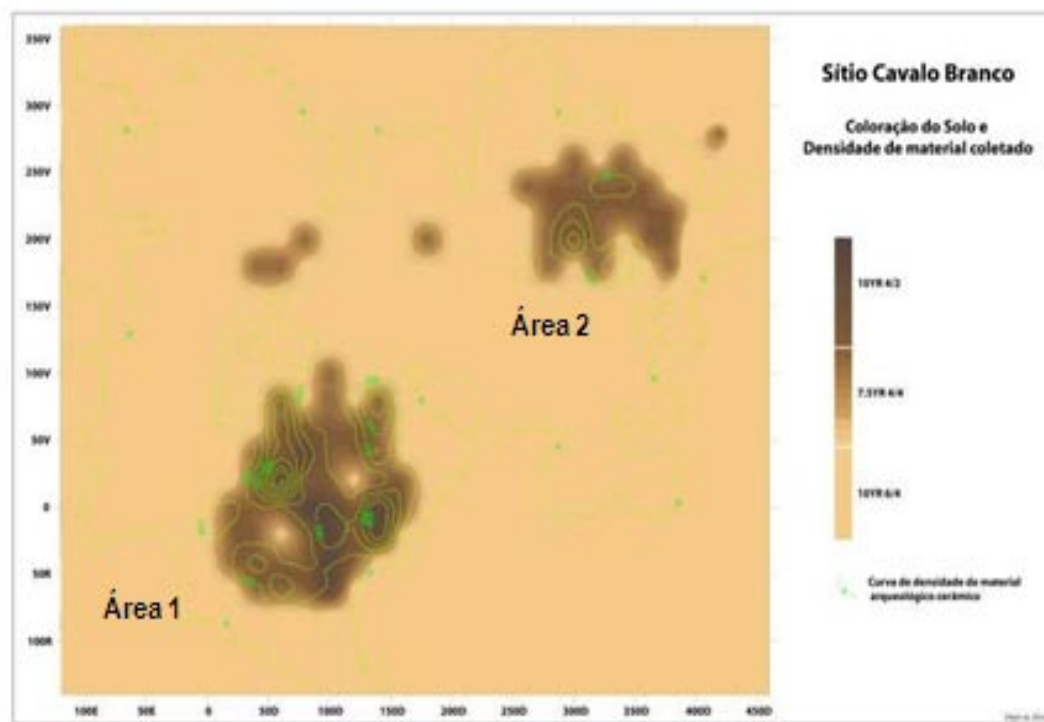


Fig. 7 - Duas áreas com solo antrópico no sítio Cavalão Branco

área no mapa de densidade de material (Fig. 7, Área 2). Se a área 1 foi a grande responsável pela inferência de que o sítio Cavallo Branco havia sido uma aldeia, resta saber qual seria a função da área 2.

A análise das densidades da Área 1 e Área 2 (Tabela 4) mostraram uma grande discrepância entre os números, semelhante à comparação dos dados dos sítios Cavallo Branco e Nova Ipixuna 3.

Para comparar as indústrias cerâmicas das duas áreas, foram selecionadas quadras pertencentes a cada uma delas.¹⁶ Foi escolhido o dobro de quadras da Área 1 (12) em relação à Área 2 (que possuía apenas 6 quadras inseridas na malha de sondagens analisada), com o objetivo de melhorar o senso de proporção. A amostragem ficou assim dividida: a Área 1 apresenta 292 fragmentos diagnósticos, e a Área 2, apenas 76¹⁷.

O material selecionado foi insuficiente para estabelecer uma comparação de uma das principais categorias, a das formas, já que foi possível reconstituir apenas uma vasilha da Área 2. No entanto, a comparação em outros campos trouxe resultados interessantes.

De forma geral, o que se observa é uma grande semelhança entre as cerâmicas da Área 1

e da Área 2. Sem dúvida, estamos lidando com a mesma indústria cerâmica. Quase todos os aspectos predominantes da cerâmica eram iguais ou próximos, como demonstra a Tabela 5.

No entanto, encontramos algumas diferenças entre as áreas, que serão exploradas para inferirmos respostas às questões referentes à Área 2. A comparação entre os tratamentos de superfície indica que, enquanto a Área 1 apresenta uma grande maioria de fragmentos bem acabados (alisamento fino), a Área 2 apresenta um número superior de fragmentos com alisamento médio, tanto na face interna quanto na face externa. Essa seria uma primeira evidência de que a cerâmica da Área 2, da mesma forma como aconteceu no sítio Nova Ipixuna 3, não era tão bem acabada quanto a da Área 1. No entanto, é preciso ter cautela. Não só os números do alisamento médio são extremamente próximos na amostragem da Área 2, como também observou-se o fato de apenas a Área 1 apresentar fragmentos com alisamento grosseiro (Gráficos 1 e 2).

A Área 2 não apresentou nenhum fragmento com decoração corrugada, mas foram encontradas decorações incisadas, unguiladas e digitunguladas, além das roletadas, que não aparecem na Área 1. Na verdade, essa maior variação

Tabela 4 – Comparação de densidade entre a Área 1 e a Área 2

Sítio Cavallo Branco	Lítico		Cerâmica	
	Quantidade	Densidade (m ²)	Quantidade	Densidade (m ²)
Área 1	806	36,4	17.911	892,0
Área 2	76	11,3	3.117	439,3

¹⁶ Foram analisadas, além de uma amostra qualitativa proveniente de áreas ampliadas e a trincheira, apenas quadras da malha 40 x 40 metros (ao invés de 20x20 metros), ou seja, um quarto do total escavado.

¹⁷ É importante esclarecer que, se estamos lidando com diferentes amostragens, uma quase quatro vezes superior à outra, nossos resultados devem ser obtidos em cima das devidas proporções numéricas.

Tabela 5 – Comparação de atributos cerâmicos entre as duas áreas

Atributo	Área 1	Área 2
Técnica de Manufatura	Acordelado	Acordelado
Antiplástico	Mineral	Mineral
Composição do Mineral	Quartzo	Quartzo
Aspecto do Quartzo	Sub-angular	Sub-angular
Engobo	Branco	Branco
Morfologia da Borda	Direta	Direta
Inclinação da Borda	Inclinada Externa	Inclinada Externa
Espessura da Borda	Normal	Reforçada
Lábio	Arredondado	Arredondado
Espessura do Lábio	Entre 0,5 e 1,0cm	Entre 0,5 e 1,0cm
Diâmetro da Boca	Entre 11 e 20cm	Entre 11 e 20cm
Espessura do Fragmento	Entre 0,6 e 1,0cm	Entre 0,6 e 1,0cm

encontrada na Área 1 é baseada mais na combinação das decorações plásticas tradicionais do que na utilização de decorações diferentes (Gráfico 3).

É nas decorações pintadas, finalmente, que é possível observar a maior diferenciação entre as duas áreas. Enquanto que, na Área 1 foram encontradas quatro cores (i.e. vermelho,

branco, preto e amarelo) em diferentes combinações, a Área 2, a exemplo do que foi observado no sítio Nova Ipixuna 3, apresentou pouquíssimos fragmentos pintados (Gráfico 4).

As datações também carregam informações importantes na comparação das duas áreas. Três momentos distintos de ocupação do sítio podem ser observados. Nada impede a ocor-

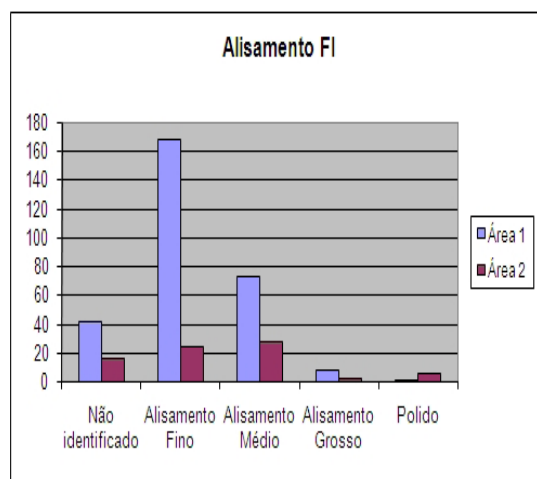
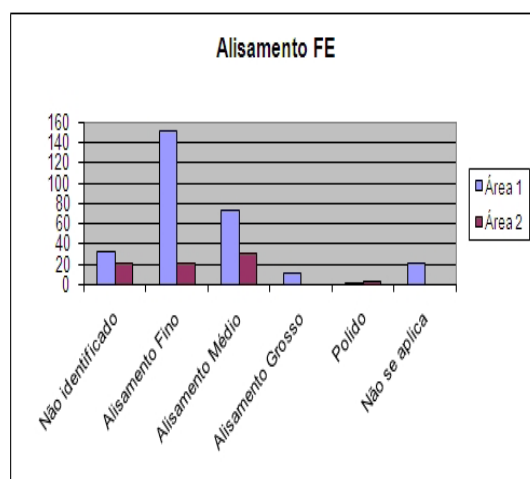


Gráfico 1 - Tratamento de superfície na cerâmica da Área 1 e Área 2



Gráficos 1 e 2: Tratamento de superfície na cerâmica da Área 1 e Área 2

rência de outras reocupações nos intervalos das datas, ainda que seja mais sensato basear as inferências nos dados obtidos até o momento.

A primeira ocupação, por volta de 1.200 AP, teria acontecido apenas na Área 1, possivelmente na forma de uma aldeia. Quatrocentos anos depois, ocorreria a segunda (800 AP), uma estrutura temporária, provavelmente apenas na Área 2. Por fim, uma terceira ocupação, por volta de 680 AP, teria acontecido de novo na Área 1, onde uma nova aldeia seria erguida, com presença de lixeiras no entorno (vide Almeida, 2008) (Tabela 6).

De volta à etnografia

O diálogo com a etnografia mais uma vez contribui para a problemática, ao indicar a tendência à reocupação de áreas por grupos Tupi-Guarani. Baseado na hipótese de Dene-

van (1992, 2006), de que machados de pedra encontrariam grande dificuldade em abrir clareiras em áreas com mata primária, Balée (1994) acredita que áreas com mata secundária (i.e. anteriormente ocupadas) seriam indicadas para uma reocupação. O autor (*ibid.*: 147) indica que esses locais seriam atraentes, pois possuiriam solos mais férteis (fruto dos resíduos orgânicos deixados pela ocupação anterior) e uma série de espécies “semi-domesticadas”¹⁸, interessantes não só para a alimentação humana, como também a de outros animais. Ou seja: essas áreas eram mais do que ideais para encontrar todo tipo de alimento, de frutas à caça. Talvez um local desses, uma antiga aldeia tomada por mata secundária, fosse interessante para a instalação de acampamento temporário onde caça e coleta seriam a base da alimentação.

Tamanhos eram os atrativos dessas áreas

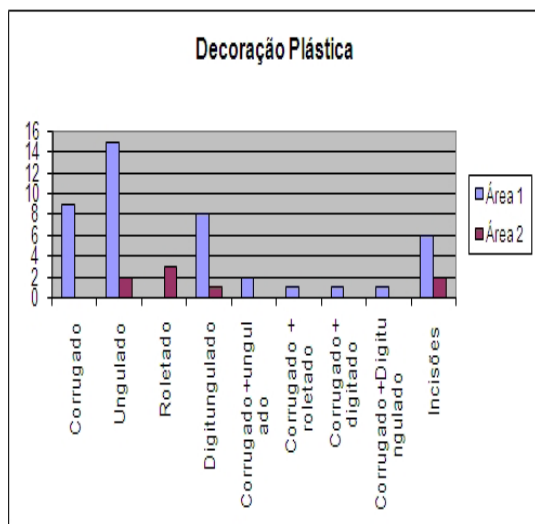


Gráfico 3 - Decoração Plástica na cerâmica da Área 1 e Área 2

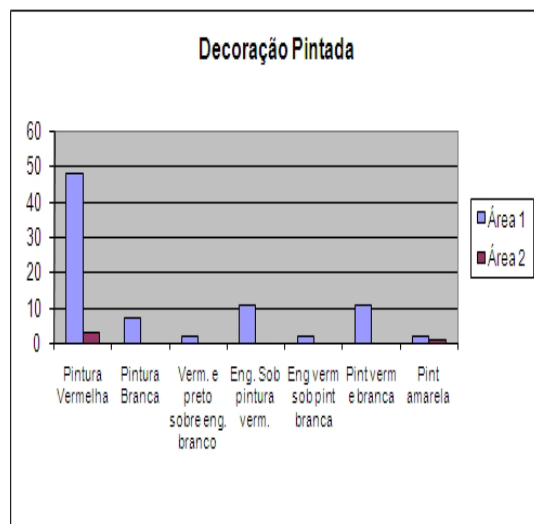


Gráfico 4 - Decoração Pintada na cerâmica da Área 1 e Área 2

¹⁸ Que serviriam inclusive de referência, assim como os restos materiais deixados pela antiga ocupação, para identificar esses locais.

as que estas podem não ter sido palco apenas de reocupação por um mesmo grupo, como também por grupos diferentes. Para Balée (1994:140), “(...) *the major long term beneficiaries of the past forest management by the Ka’apor Indians have not been Ka’apor descendents. Rather, the beneficiaries have been their traditional enemies, the foraging Guajá, who traditionally rely heavily on the palms and other disturbance indicator plants found in the Ka’apor fallows (...)*”¹⁹. O que leva a se cogitar a possibilidade de que os sítios arqueológicos da região-foco de estudo poderiam não só possuir diferentes tipos de assentamentos por parte de um mesmo grupo, mas também ocupações por grupos diversos.

Sugerindo uma função para a Área 2

Os machados de pedra do sítio Cavalão Branco podem contribuir para a discussão. Foi observado anteriormente que a indústria lítica desse sítio utilizava como principal suporte os seixos de rio. As lâminas de machado parecem não ter fugido à regra, e mesmo sendo uma maioria de lâminas fragmentadas, a morfologia

destas indicou que haviam sido produzidas a partir de seixos com dimensões limitadas (i.e. com comprimento dificilmente maior que 10cm). Sem dúvida, trata-se de uma tecnologia muito mais pertinente a lidar com a mata secundária do que com as grandes árvores da floresta primária.

O mapa de distribuição das lâminas polidas pelo sítio indicou que, dos 10 exemplares encontrados na malha de sondagens (de 20 x 20m), apenas três (CB-139, CB-984 e CB-2263) pertenciam à Área 1. Outros três (CB-1138, CB-1543 e CB-1687) foram encontrados no entorno desse local. Já na Área 2, foram encontradas duas lâminas de machado (CB-943 e CB-967) e outra nas proximidades (CB-975). Trata-se de um número significativo, não observado no sítio Nova Ipixuna 3, para uma área de dimensões reduzidas,²⁰ ao ponto de ser possível inferir que a Área 2 poderia estar ligada a uma atividade que necessitasse da abertura de uma clareira. *A priori*, essa abertura seria muito mais necessária em uma área de roça do que em um acampamento temporário.

A hipótese de que o sítio pode ter sido ocupado na forma de uma área de roça é respal-

Tabela 6 – Datações das Áreas 1 e 2 do sítio Cavalão Branco

Área	Quadra	Nível	Material	Nº Lab.	Datação
1	T2	N6	Carvão	210848	720 AP a 640 AP
1	40V-81D	150-160cm	Carvão	210847	690 AP a 550 AP
2	220V-340D	30-40cm	Carvão	230214	860 AP a 740 AP
1	1R-100D	30-40cm	Carvão	210849	1290 AP a 1160 AP

¹⁹ Outro exemplo pode ser observado no estudo de Silva et al. (2004), que indica a presença de fragmentos de cerâmica Tupi em uma aldeia Xikrim (sudeste paraense).

²⁰ Como foi observado anteriormente, a densidade de fragmentos líticos por m³ da Área 2 era muito inferior à da Área 1, o que não se aplica à comparação entre a quantidade de lâminas de machado nessas áreas, fato que dá às lâminas um papel preponderante na compreensão da funcionalidade da Área 2.

dada pela única lâmina ainda não comentada. A peça CB-1654, que pode ser observada no canto superior esquerdo do mapa (Fig. 8), foi encontrada em um local do sítio com presença quase nula de cerâmica. A análise de sua morfologia leva a crer, segundo Galhardo (Almeida, 2008; Scientia, 2008), que a peça era um enxó, instrumento descrito por Prous *et al.* (2002, *apud* Almeida, *op. cit.*) como: (...) *morfologicamente semelhante ao machado, mas encabado de forma que o gume seja perpendicular ao comprimento do cabo. Nas*

lâminas especializadas, este gume é geralmente dissimétrico (uma das faces sendo mais convexa que a outra), para facilitar o ataque da matéria trabalhada. Os enxós servem, sobretudo, para aplinar, cavar ou limpar concavidades largas(...).

Assim, apesar de ser impossível fazer uma ligação direta da Área 2 com essa lâmina, esse é mais um indício de que, em algum momento, a área do sítio Cavallo Branco ou parte dela foi utilizada como roçado.

O que não impossibilita que, assim como

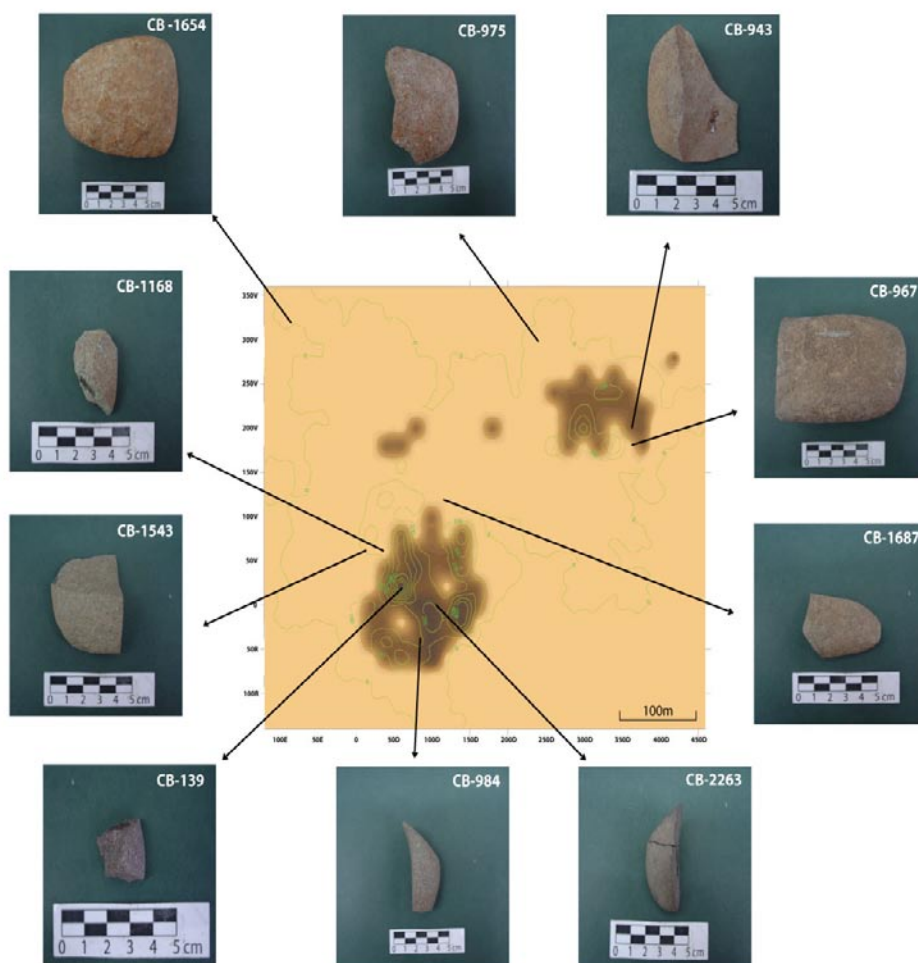


Fig. 8 - Mapa de dispersão das lâminas (ou fragmentos de lâminas) de machado no sítio Cavallo Branco

o exemplo etnográfico dos Guajá e dos Ka'apor, outro grupo também tenha utilizado a área para abertura de roça, acampamento temporário etc. Apesar de, *a priori*, ter sido considerado que o sítio Cavallo Branco havia sido ocupado por um único grupo, nada indica que uma reocupação por parte de um diferente grupo não possa ter ocorrido. Ocupações que, se ocorreram, o teriam sido, provavelmente, por períodos curtos e cujas dimensões das estruturas não só podem ter escapado à malha sistemática de quadras implantadas no sítio Cavallo Branco (de 20 x 20m) como também pela escolha de só analisar a ce-

râmica das quadras localizadas a cada 40 metros (i.e. $\frac{1}{4}$ da amostragem inicial).

A seleção fotográfica (Fig.9), realizada com o material cerâmico de quadras não analisadas do sítio Cavallo Branco, em alguns momentos parece ter indicado a presença de cerâmica diferente da encontrada na Área 1 e na Área 2. Extremamente simples, com coloração diferente, e com presença de antiplástico mineral em grandes proporções e dimensões, essa cerâmica (e.g. quadras 200V-380D e 140V-260D) deixa sugerida a hipótese, a ser testada em um estudo futuro, da reocupação do sítio por um grupo diferente.



Fig. 9 - Cerâmica encontrada nas quadras 200V-380D e 140V-260D

Resumindo

Através de um estudo que buscou a todo o momento um diálogo entre arqueologia e etnografia, buscamos relacionar dimensão espacial, densidade de material, e características da cerâmica arqueológica dos sítios Cavalo Branco e Nova Ipixuna 3, para observar um complexo de estruturas, com diferentes funções, localizadas em variadas distâncias do entorno da aldeia. O estudo comparativo dos sítios Cavalo Branco, considerados por nós uma aldeia, e Nova Ipixuna 3, com função sugerida de acampamento, ainda que denominado de forma abrangente como uma estrutura temporária, teve a intenção de jogar luz sobre as questões de assentamento dos grupos Tupinambá amazônicos. Curiosamente, “iluminou” um dos nossos objetos de estudo, o sítio Cavalo Branco, em uma análise intra-sítio. Foi inferido que além de ter sido ocupado, pelo menos uma vez, na forma de aldeia, o sítio Cavalo Branco teria sido ocupado também, pelo mesmo grupo, como uma estrutura temporária. Sugeriu-se que o sítio foi utilizado como roça, e que talvez essa estrutura estivesse ligada a tal função. Da mesma forma, baseados em algumas características dissonantes presentes em alguns fragmentos cerâmicos encontrados fora das duas manchas de solo antrópico, sugeriu-se que o sítio possivelmente foi ocupado por outro(s) grupo(s).

Conclusões

A impossibilidade de se chegar a inferências mais concretas quanto aos dados espaciais da arqueologia Tupinambá da Amazônia traz a certeza de que estamos lidando com uma complexa rede de possibilidades. Os resultados dos estudos parecem afirmar a dissonância entre as dinâmicas espaciais dos grupos amazônicos e os do litoral, o que esperamos levar a uma reflexão maior quanto a ambos os grupos. Há uma série de outros dados, ainda a ser publicada, quanto à variabilidade cerâmica e à morfologia das aldeias desses e de outros sítios estudados (vide Almeida, 2008; Scientia, 2008), que certamente trará subsídios para uma melhor compreensão desses tão pouco conhecidos Tupinambá Amazônicos. Não temos a menor dúvida de que o aprofundamento nos estudos desses grupos, aliando variabilidade material e espacial com a profundidade temporal (que deve ser empurrada mais para o fundo com novas pesquisas, principalmente na Amazônia ocidental), trará mais um ingrediente para a cada vez mais revigorada arqueologia dos Tupinambá e dos Guarani.

Agradecimentos

Solange B. Caldarelli, Renato Kipnis, Eduardo G. Neves, Fabiola A. Silva, Daniella Novo, Danilo Galhardo, Silrlei Hoeltz, Eneida Malerbi e Sérgio da Silveira.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, F. O. 2008. *O Complexo Tupi da Amazônia Oriental*. Dissertação de mestrado, MAE-USP.
- ASSIS, V. S. 1996. *Da Espacialidade Tupinambá*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da PUC-RS.
- ARAÚJO COSTA, F. H. 1983. *Projeto Baixo Tocantins: Salvamento Arqueológico na Região de Tucuruí – Pará*. Dissertação de Mestrado, FFLCH- USP.
- BALDUS, H. 1944 – 1949. *Os Tapirapé, Tribo Tupi no Brasil Central*. Arquivo Municipal vol. XCVI-CV. São Paulo.

- BALÉE, W. 1994. *Footprints of the Forest: Ka'apor Ethnobotany – the historical ecology of plant domestication by an Amazonian people*. New York, Columbia University Press.
- BELTRÃO, M. C. de M. C. & FARIA, E. G. de. 1970. Acampamentos Tupi-Guarani para Coleta de Moluscos. *Revista do MAE, USP, São Paulo*, v. XIX: 97-135,
- BROCHADO, J. P. 1984. *An Ecological Model of the Spread of Pottery and Agriculture into Eastern South America*. PhD Dissertation, University of Illinois at Urbana Champaign.
- BROCHADO, J. P. 1991. What did the Tupinambá Cook in Their Vessels? An Humble contribution to ethnographic analogy. *Revista de Arqueologia*(6):40-88.
- BRAUDEL, F. 1966. *La Méditerranée et le monde méditerranéen a l'époque de Philippe II*. Paris. Armand Colin.
- DENEVAN W. M. 1992. Stone vs. Metal Axes: the ambiguity of shifting cultivation in prehistoric Amazonia. *Journal of the Steward Anthropological Society* (20): 153-165.
- _____. 2006. Pre-European Forest Cultivation in Amazônia. In: BALÉE, W. & ERIKSON, C. (Eds.). *Time and Complexity in Historical Ecology: studies in the neotropical lowlands*. Columbia University Press, New York, pp. 57-86.
- FAUSTO, C. 2001. *Inimigos Fiéis: história, guerra e xamanismo na Amazônia*. São Paulo, Edusp.
- FERNANDES, F. 1963. *A Organização Social dos Tupinambá*. São Paulo, Difusão Européia do Livro na Estante Virtual.
- HECKENBERGER, M. J. 2001. Estrutura, História e Transformação: A cultura Xinguana na Longue Durée, 1000-2000 D.C. In: FRANCHETTO, B. e HECKENBERGER, M. (Orgs.). *Os Povos do Alto Xingu : história e cultura*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, pp. 21-62.
- HODDER, I. 2007. *Material Culture and the Long Term*. Blackwell Science.
- KENT, S. 1996. Models of abandonment and material culture frequencies. In *Abandonment of settlements and regions: Ethnoarchaeological and archaeological approaches*. Cameron, C. & Tomka, S. Cambridge (eds.). University Press, New York, pp. 54-72.
- LA SALVIA, F. & BROCHADO J. P. 1989. *Cerâmica Guarani*. Posenato Arte e Cultura, Porto Alegre.
- MEGERS, B. E MARANCA, S. 1980. Uma Reconstituição Experimental de Organização Social Baseada na Distribuição de Tipos de Cerâmica num sitio Habitação da Tradição Tupiguarani. *Revista Pesquisas IAP, Rio Grande do Sul*, (31):227-247.
- ORME, B. 1981. *Anthropology for Archaeologists: an introduction*. British Library, London.
- PETERSEN, J. B., NEVES, E. G. & HECKENBERGER, M. J. 2001. Gift from the Past: Terra Preta and the Prehistoric Amerindian Occupation in Amazonia. In: McEWAN, C., BARRETO, C. & NEVES, E. G. (eds.). *Unknown Amazon*. British Museum Press, London.
- PROUS, A.P., ALONSO, M., PILÓ, H., XAVIER, L., LIMA, A. P. & SOUZA, G. N. 2002. Os Machados Pré-Históricos – Descrição de Coleções Brasileiras e Trabalhos Experimentais: Fabricação de Lâminas, Cabos, Encabamento e Utilização. *Revista Canindé, Xingó*, (2): 161-236.
- RIBEIRO, D. 2006. *Diários Índios: os Urubus-Ka'apor*. Companhia das Letras, São Paulo.
- SCATAMACCHIA, M. C. M. e MOSCOSO, F. 1989. Análise do Padrão de Estabelecimento Tupi-Guarani: Fontes Etno-Históricas e Arqueológicas. *Revista de Antropologia* (30-2):37-53.
- SCHAAN, D. P. 2004. *The Camutins Chiefdom: Rise and Development of Social Complexity on Marajó Island, Brazilian Amazon*. Tese de Doutorado. Universidade de Pittsburgh.
- SCIENTIA CONSULTORIA CIENTÍFICA. 2004. Projeto: *Levantamento Arqueológico na Faixa de*

Servidão da Linha de Transmissão Tucuruí/Açailândia (PA/MA) (4º circuito). Caldarelli, S. (org.), São Paulo.

SCIENTIA CONSULTORIA CIENTÍFICA. 2008. Relatório Final: *Projeto de Salvamento dos Sítios Arqueológicos Localizados na Área Diretamente Afetada da Linha de Transmissão Tucuruí/PA – Açailândia/MA (4º Circuito)*. Caldarelli, S. (org.).

SILVA, F. A., APPOLONI C. R., QUIÑONES F. R. E., SANTOS A. O., SILVA L. M. da, BARBIERI P. F. & FILHO, V. F. N. 2004. A Arqueometria e a Análise de Artefatos Cerâmicos: um estudo de fragmentos cerâmicos etnográficos e arqueológicos por fluorescência de Raios X (EDXRF) e transmissão Gama. *Revista de Arqueologia*, Belém, (17): 41-61.

SIMÕES, M. F. & ARAUJO-COSTA, F. 1987. Pesquisas arqueológicas no baixo rio Tocantins (Pará). *Revista Arqueologia*, Belém, (4-1):11-28.

VIVEIROS DE CASTRO, E. 1986. *Araweté : os deuses canibais*. Jorge Zahar, Rio de Janeiro.

_____. 1992. *Araweté : o povo do Ipixuma*. São Paulo: Cedi.

WAGLEY, C. 1977. *Welcome of Tears: the Tapirapé Indians of Central Brazil*. Oxford University Press, New York.